

# Mãe viva

MUNICÍPIO DE ESPINHO  
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Director: NUNO BARBOSA

SEMANARIO

ANO VIII N.º 366 — PREÇO 12\$50 — 1/12/83

## Para abastecimento de água

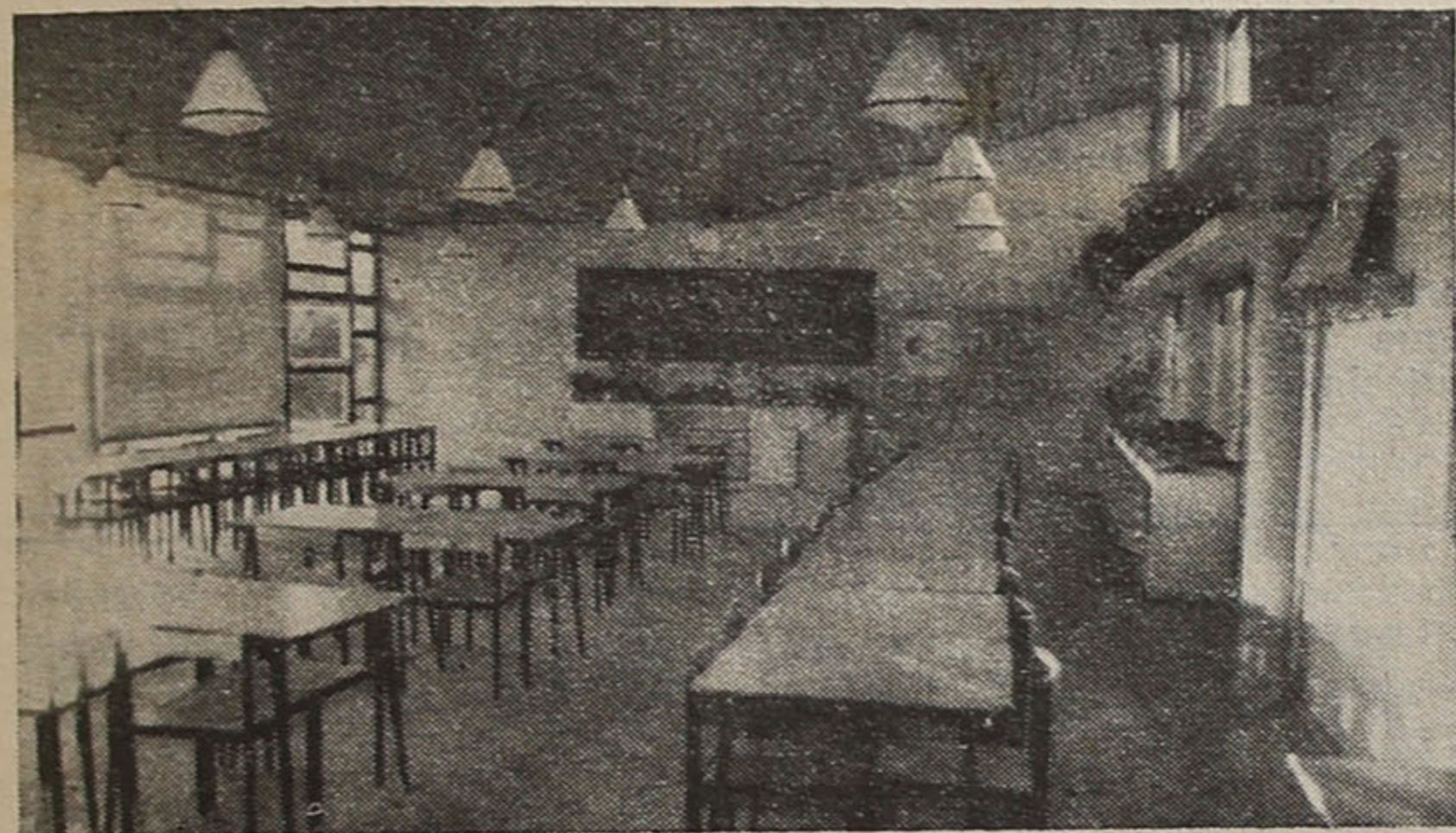
### ***Câmaras de Espinho e Gaia***

## ***querem empréstimo de 200 mil contos***

— PÁGINA 5

### Acção Social Escolar

## **ALUNOS POBRES, CADA VEZ MAIS POBRES**



*Refeitórios escolares cada vez mais vazios*

A todos os males de que o nosso sistema de ensino já padecia — alguns deles já apontados em anteriores edições deste jornal — pais, encarregados de educação e professores enfrentam-se agora com a aberração dos números instituída pela Acção Social Escolar. Assim se pode classificar um serviço que devendo servir alunos desfavorecidos e carenciados institucionalizou a política da gestão pelos números, esquecendo as situações humanas tão importantes em assuntos deste género.

— ÚLTIMA PÁGINA

### VILA DA FEIRA:

## **A TRISTE HISTÓRIA DE UM HOSPITAL**

— PÁGINA 4

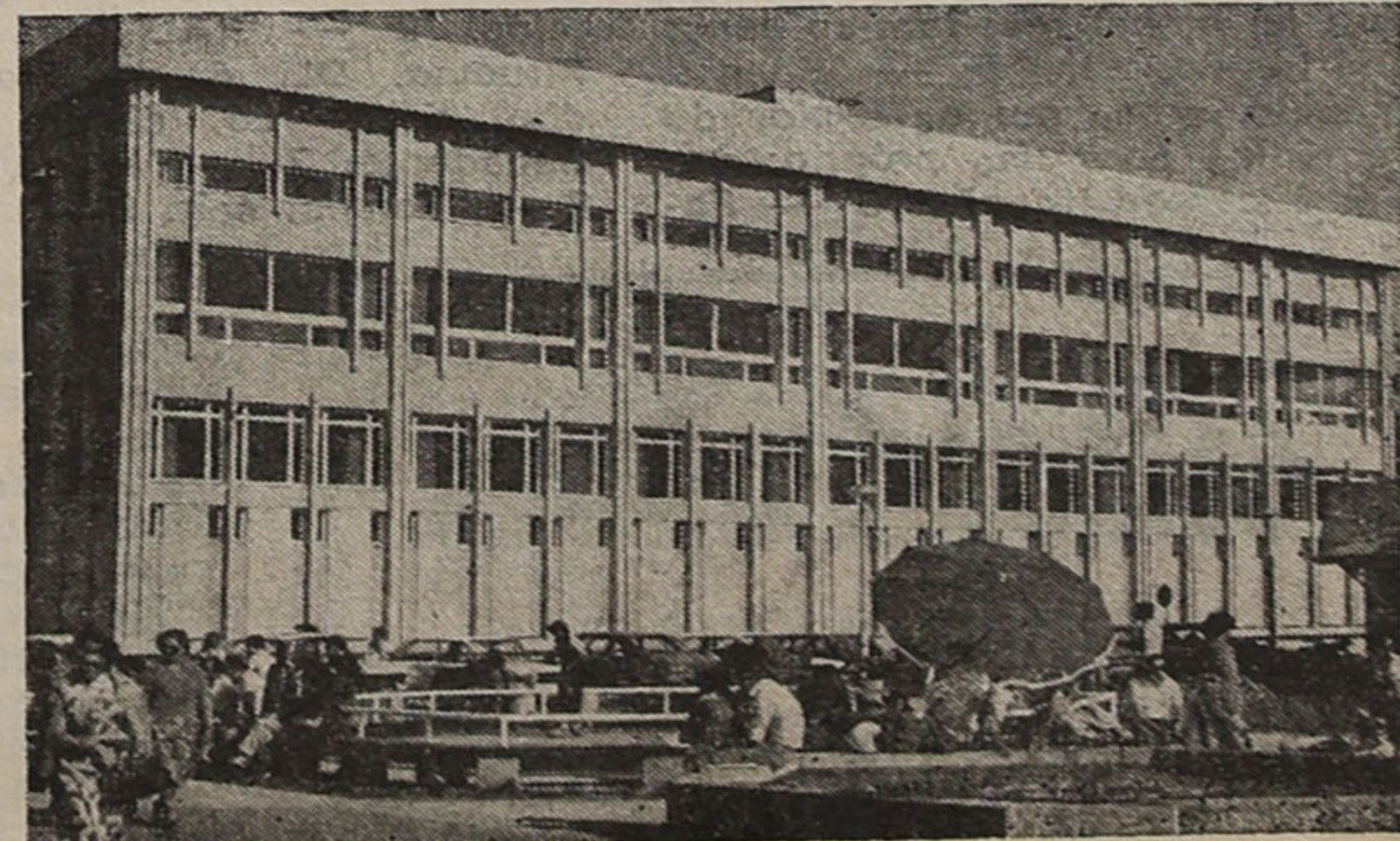
### FIM DE MÊS:

— **1383 / A «arraia miúda» acordou há 600 anos**

— **Entrevista com Carlos Barradas**

### CONCESSÃO EM CAUSA

## ***Para além do jogo, o que está em jogo?***



— PÁGINA 5

*«Isto» está a mexer com muita coisa*

ESPELHO MEU

# A concessão da zona e a zona da concessão

$E = mc^2$  (Einstein)

Eis, pois, em jogo a concessão da zona do dito até ao longínquo ano de 2005, se o mundo não acabar entretanto, como rezam algumas profecias de origem duvidosa. E como afirmava o douto economista luso Sarcefilde Carvalhal na sua extensa obra «O Carpinteiro Mongolóide», «roletus pilarum occidentum civilizatiæ est!» Ora, sendo assim, um assunto de tamanha importância não pode ser tratado de forma superficial, antes exigindo os mananciais inesgotáveis de inteligência, religiosamente encofrados nas mentes esclarecidas de administradores, autarcas, secretários de estado e, quiçá, de ministros. Contudo atrevo-me a escrever algumas humildes linhas sobre assunto tão tortuoso, na sincera intenção de dar ao comum dos leitores um conhecimento, ainda que vago, sobre os dados do problema.

Os possíveis e potenciais candidatos à concessão da zona de jogo são numerosos e variados; uma congregação de freiras ascéticas, que pretendia utilizar as instalações do casino como parque de exposições de pintura impressionista; o Conde de Monte Cristo, por motivos inconfessáveis; o

comando da polícia de uma cidade do interior, interessado em ministrar aos seus agentes cursos intensivos de matemática; um clube desportivo convenientemente desfalcado, por razões óbvias; e, finalmente, a actual concessionária, pela sonoridade melodiosa do seu lindo nome.

Perante tantos e tão credenciados candidatos, decidiu a governança da nação que «o melhor é ficar tudo na mesma», pelo que pôs a circular que isso de concursos públicos são «coisas dos interesses obscuros ao serviço de potências estrangeiras» e donde se deduz que a actual concessionária será também a futura. Entretanto, esta última prometeu já algumas realizações benemérito-embelezativas em proveito da cidade das quais destacamos a aquisição próxima de todo o mobiliário necessário ao funcionamento do novo apartamento, instalações sanitárias incluídas.

Porém, nem todos compreendemos à primeira o extraordinário alcance das decisões que se avizinham. No sentido de fazer valer as suas posições, um autarca bronquítico ameaçou mesmo dançar em público o «Lago dos Cisnes», levemente desafinado por uma orquestra

de ouriços-cacheiros irlandeses. Mas, à desmedida firmeza municipal, respondeu a temperança governante, garantindo a tudo quanto é autarca, que saberão a seu tempo, e se Deus Nosso Senhor quiser, a quem decidiu ela entregar a concessão, comprometendo-se a fazê-lo no prazo de 3 anos após a atribuição. E o concurso estabeleceu-se, a contento do ministro, das forças vivas cidadinas e dos cangurus atingidos de artrose degenerativa.

É este, portanto, em síntese, o rol de acontecimentos constituintes do complicadíssimo processo da concessão da zona de jogo. A clareza das intenções, o fluir límpido das intenções estão patentes em todos e cada um dos seus passos. Pena é que tamanho empreendimento não esteja ao alcance das maiorias desfavorecidas em matéria de discernimento e integração conceptual. Mas que isso não seja justificação de omissões imperdoáveis, na devida homenagem aos que zelam pelo bem público e pelo psiquismo da couve lombarda adubada com fiambre de tartarugas em crise existencial.

J. B.

# RASCUNHOS

Ouçó e leio com imensa frequência as mais ferozes diatribes contra o que representa de abastardamento da nossa língua pátria a introdução no vocabulário do dia-a-dia da nossa Lusitânia de «barbaridades» tornadas popularíssimas através das tele-novelas que a TV-Globo nos manda de Terras de Santa Cruz cá para o Velho Continente. Está claro que isto é resultado da falta de uma política da Língua Portuguesa, política que só foi verdadeiramente defendida em tempos de antanho, quando, solenemente, os Governos de Lisboa e do Rio de Janeiro (Brasília ainda não era o negócio que foi), assinaram um Acordo Linguístico, com o beneplácito autorizado das Academias de Letras de lá e de cá. Graças a esse célebre Acordo, na Europa dizemos *fato*, e na América do Sul dizem *terno*, cá dizemos *fotocópia*, lá dizem *cherexe*, o que para nós é a *bicha do autocarro* para eles é a *fila do ónibus*. Estes três exemplos bondam para corroborar a minha ideia de que o Português de Portugal é mesmo o Português do Brasil.

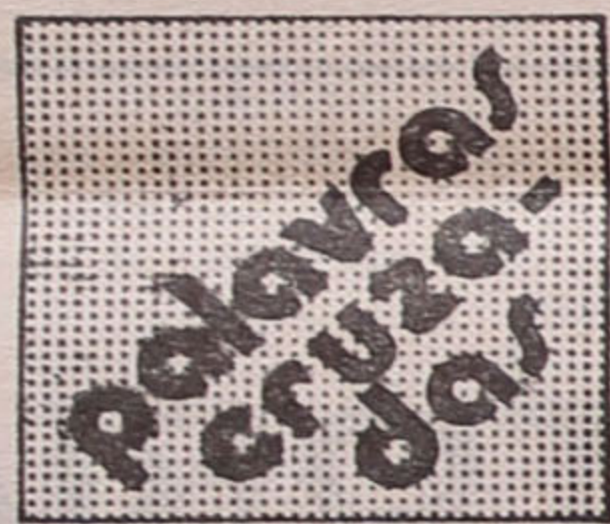
Sabe-se que o Inglês é um idioma que se fala nos Estados Unidos da América e na Austrália, que o Espanhol é falado no México e na Argentina, que o Francês é língua comum em Quebec ou no Gabão, assim como que o internacionalíssimo Esperanto se não fala em parte nenhuma.

Agora o que talvez muita gente (descuidada dessa coisa intrincada que é o linguajar das gentes) ignore é a existência do «Bèbêês». Eu explico e não levo nada pela lição, dado que o meu objectivo é enriquecer a cultura daqueles que semanalmente me lêem: «Bèbêês» é a língua dos bebés, uma língua riquíssima, em que os neologis-

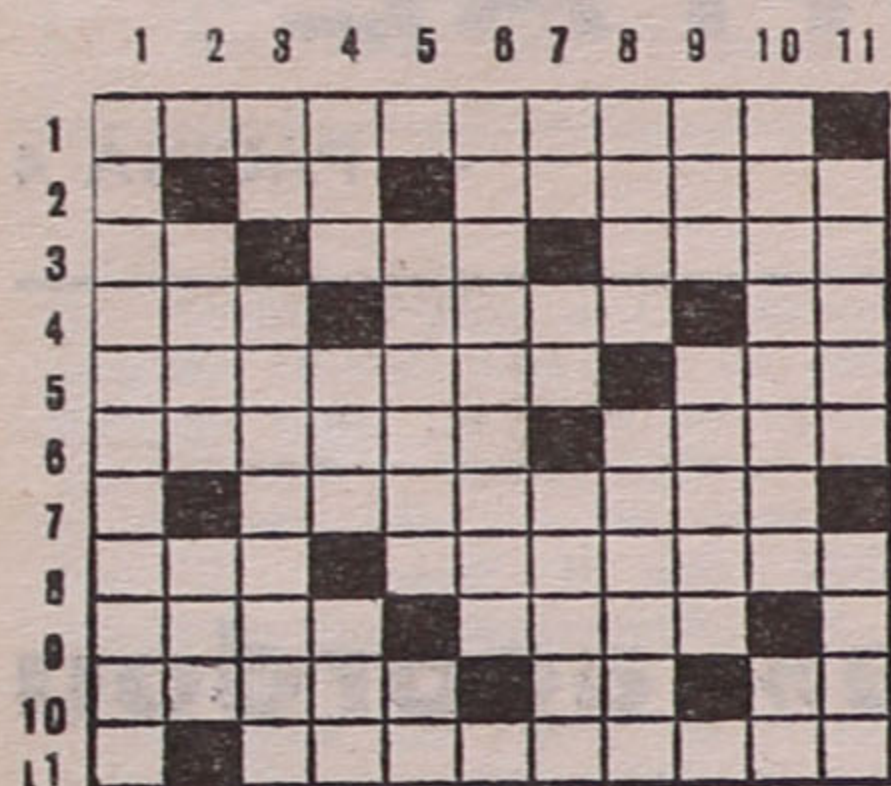
mos surgem a todo o instante, porque ser-se bebé é ser-se possuidor de um poder de imaginação proibido aos outros humanos mais idosos. Na missão pedagógica que me incumbi vou hoje ensinar o que quer dizer na nossa língua corrente a palavra «SECURSE», do vernáculo «Bèbêês».

O meu primo mais novo, três anitos ladinos de existência, chegou a casa, depois de mais uma das suas diárias estadias sob a tutela carinhosa da avó para quem é a origem das maiores preocupações e do maior amor. Perguntaram-lhe o que almoçara. Respondeu que «só-pa, bolo e securse». A última palavra feriu a ignorância dos perguntadores, pelo que o questionário foi bisado com a mesmíssima resposta. O miúdo bem explicou que a vóvoia não tinha feijão, nem chouriço, nem peixe, nem legume, e por isso cozinhou «securse», mas o caso só ficou esclarecido quando os ignorantes adultos se decidiram a folhear o dicionário, volumosíssimo, de «Bèbêês-Português», correram os dedos pelas páginas em que o «esse» era a consoante inicial, para perceber finalmente que, na falta de feijão, chouriço, peixe e legumes a Avó tinha levado para a mesa um prato de «securse». Perdão, de recurso!

Carlos P. Morais



N.º 44



HORIZONTALIS

1 — Esta refere-se ao estudo da China. 2 — Se não tiver oxigénio não é respirável; tem mandioca, sal, alho e pimenta e serve para molho. 3 — 51 romanos; é o interior do recto; põem asas. 4 — A célebre Joana francesa era daqui; no pinhal respiram-se bons; Diário Popular. 5 — É mau quando temos muitos cheios de remédios para uso próprio; um Ferré cantor francês. 6 — Fa-

rinhas grosseiras; quem paga este imposto comprou algum imóvel. 7 — Há quem peque por elas. 8 — É bom para os hipocondríacos; fariam as aves para descer mais depressa. 9 — Caldeirada destas é bem boa; fazes como o gato. 10 — Há poucos no deserto; é o centro do coro; a grega da geometria. 11 — Amolgadas.

VERTICAIS

1 — Estes são mesmos uns biltres. 2 — Isto ou chicha é igual; é má conselheira. 3 — Assim principia o nadar; é bom para o actor quando a audiência o é nos aplausos. 4 — Reze; não o ouvem os surdos; sem este não há casamento. 5 — Oxalá o façais se sois devotos de Santo Humberto; o da Bandeira ficou na história lusa do último século. 6 — Do mesmo modo. 7 — Os químicos abreviam o gálio deste modo; estás; usavam-nos os homens antigos. 8 — Raivas; transformara em soro. 9 — Os de Judas é o título de um livro do Lobo Antunes; unais. 10 — Esta governa o convento; usa-se para abrir covas. 11 — Polvilha; há uma revista semanal com este nome.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 43

HORIZONTALIS: 1 — Saracoteios. 2 — PAL Iris. 3 — Piruetas, DL. 4 — Era, paz, doe. 5 — Ló, cívico. 6 — Decadente. 7 — Noite, au, ei. 8 — Tonais, sair. 9 — Ocaís,

uma. 10 — A.M., estrelas. 11 — Sino, asmas.

VERTICAIS: 1 — Pelintras. 2 — Apiro, oo, mi. 3 — Rara, dino. 4 — Alu, cetáceo. 5 — Epiceias. 6 — Oitava, sita. 7 — Trazida, srs. 8 — Eis, céus, em. 9 — I.S., don, aula. 10 — Dó, telmas. 11 — Salepeiras.

**FONSECA**  
**TECIDOS**  
**MODAS**  
Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413  
**ESPINHO**

CLINICA GERAL  
**J. Pinheiro de Moraes**  
RUA 20 N.º 300  
TELEF. 720452

**Maré Viva**  
**O SEU JORNAL**

## FARMÁCIAS

Quinta — *Teixeira* — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 720352  
Sexta — *Farmácia Santos* — Rua 19 n.º 263 - Tel. 720331  
Sábado — *Farmácia Paiva* — Rua 19 n.º 319 - Tel. 720250  
Domingo — *Farmácia Higiene* — Rua 19 n.º 393 - Tel. 720320  
Segunda — *Grande Farmácia* — Rua 62 n.º 457 - Tel. 720092  
Terça — *Teixeira* — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 720352  
Quarta — *Farmácia Santos* — Rua 19 n.º 263 - Tel. 720331

## RIFAS DA NASCENTE

11.ª SEMANA — 24-11-83

069 — 5.000\$00 — Filomena Barbot  
169 — 400\$00 — AIPAL  
269 — 400\$00 — Américo Pinto Moleiro  
369 — 400\$00 — Adriano Covelinhas  
469 — 400\$00 — Mário Sousa Carvalho  
569 — 400\$00 — Luís Maia  
669 — 400\$00 — José Manuel S. Gomes  
769 — 400\$00 — Manuel António Moreira Ribeiro  
869 — 400\$00 — Maria João Gil  
969 — 400\$00 — Carlos Alberto Pais Silva

**Maré Viva**  
SEM ANÁRIO

Director: NUNO BARBOSA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo  
REDACTORES — Carlos Fresta, David Pontes, Francisco Lopes, João Barrosa, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa  
REPORTAGEM FOTOGRAFICA — José Oliveira  
COLABORADORES — Carlos P. Morais e Morais Gaio  
PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa e Manuel Fonseca  
CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (V. Feira), Henrique Sil (Anta), Joaquim Devesas (S. Félix da Marinha) e Manuel Santos (Guetim)  
Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62. 251 - Telef. 721621  
Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.  
Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016  
Tiragem deste número: 2000 ex.

Depósito Legal 2048/83

VISTA OS SEUS FILHOS NA

**BOUTIQUE MI**

Telef. 724174

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

# ESTA CIDADE

## APARÊNCIAS ILUDEM

Decisivamente, em Espinho, as entidades responsáveis por certos serviços primam por manter as aparências.

Assim, os passeios e o estado das ruas só têm alguma apresentação nas zonas mais centrais, aquelas que o visitante, turista ou passante visitam como por exemplo a rua 19. O mesmo se passa com a iluminação.

Certo é que se há falta de luz nos podemos deitar mais cedo e trancar as portas como prevenção dos roubos, se os passeios não estão arranjados e se encontram cheios de poças de água bem podemos andar pela rua porque entretanto nesta, devido ao seu mau estado bem deviam os possuidores de carros deixar de os utilizar...

Tudo isto é muito mais foi já tratado neste jornal.

Hoje acrescentamos a situação. Perigosa.

Trata-se da protecção aos

peões. Em Espinho, as passadeiras só estão realmente visíveis na rua 19, existindo sinalização luminosa na 24 — que apesar disso devia ter as passadeiras bem visíveis.

As zonas escolares nomeadamente as escolas secundárias, preparatórias e ex-Colégio N. S. da Conceição não possuem qualquer tipo de sinais que previnam o condutor de estar a circular em zona onde centenas de crianças e jovens diariamente atravessam as ruas — tantas vezes inadvertidamente.

Os casos da rua 33 e da 19, por serem vias de grande movimento são significativos. Não existem passadeiras (apenas uma quase invisível na 33 — via Anta) nem sequer sinais de limite de velocidade!

Enfim, os responsáveis por estas anomalias lamentarão profundamente quando o irreparável acontecer...

## ESPINHO NO «GUINNESS BOOK»?

Tudo indica que sim. Muito em breve a jovem cidade de Espinho alinhará na «febre» que tem assolado este país — figurar no Guinness, o célebre livro dos recordes. Em que especialidade? No número de violações às regras de trânsito? É qualquer coisa de impressionante aquilo que alguns automo-

bilistas fazem aos pobres sinais de trânsito generosamente implantados nas ruas da cidade. Sentidos proibidos, proibições de virar (à esquerda e à direita), proibições de estacionamento, tudo vai na voragem dos transgressores. Então, Secção de Trânsito da PSP? Estamos à espera de quê?

## UM MORTO E UM FERIDO GRAVE

Um morto e um ferido em estado grave, desconhecendo-se a sua evolução, foi o resultado de um violento acidente ocorrido na rua 33 no passado dia 24 pelas 22,45 horas. Uma motorizada circulando a alta velocidade foi embater com uma viatura estacionada naquela artéria para descargas tendo o seu condutor, Virgílio Jesus Lopes de 20 anos e residente nos Altos Céus, tido morte instantânea. Uma outra motorizada que circulava no mesmo sentido, bateu

na que se encontrava no solo, sendo o seu condutor projectado a uma distância de 3,20 metros. Trata-se do jovem de 18 anos, António Rodrigues de Oliveira morador em Nogueira da Regedoura que seria transportado para o Hospital de V. N. Gaia, onde ficaria internado com ferimentos bastantes mos saber, ao que parece, os dois jovens iam envolvidos numa disputa de velocidade, que lhes viria a ser fatal.

## CLÍNICA GERIÁTRICA EM ESPINHO?

A nossa cidade poderá vir a ser a primeira do País a dispôr de uma Clínica de Geriatria. A Terceira Idade é um sector a necessitar de cuidados médicos especiais, sem dúvida. Daí que seja de louvar este projecto, pensado pelos Drs. Miranda Valente, Ana Rosa Wanzeler, Maria Amélia de Sá e Ricar-

do Romeira. A criação dessa Clínica, com base numa sociedade por acções, será objecto duma reunião, a realizar no próximo dia 9 de Dezembro no Salão Nobre do Casino de Espinho, reunião essa aberta à participação de toda a população interessada.

# NA ESPLANADA Moradores temem o mar

Grandemente propagandeada foi a construção dos esporões. Muito se dizia, mas principalmente que o mar nunca mais ameaçaria as casas da rua 2.

As chuvas aí estão. E, apesar de todas as promessas, as casas voltaram a ser inundadas.

As pessoas queixam-se, lamentam-se, e entretanto reinventam as costumeiras e anciãs protecções — que já todos pensavam obsoletas — para atenuar a fúria das águas.

«Toda a gente pensava que isto ia melhorar», dizia-nos uma residente, «mas (final) está na mesma. A água chega-nos cá acima na mesma».

E paralelamente, outros problemas foram criados: os camiões que por lá passavam para o esporão arruinaram a estrada de tal modo que com a mínima chuva ela fica alagada...

O oportunismo foi o pior dos problemas — o dos senhorios, que ao se aperceberem que as suas casas podiam ficar imunes aos ataques do mar, logo pensaram em pô-las à venda, depois dos necessário arranjos serem feitos — e que não são poucos. Simplesmente um mero inqui-



As protecções já estão à porta, à espera do «mar-cão»

lino não tem direito a isso.

Sorte, ou infortúnio, dos moradores, foi o mau tempo falar por eles e mostrar que tudo se mantinha como antes: o mar continuava incontrolado.

«Ainda há uns dias o mar abriu aí a porta dum vizinho meu», disse-nos uma testemunha. «Há dias em que uma pessoa não têm nada seco em casa».

O esporão é insuficiente, toda a gente o diz. Milhares de contos se gastaram, e os resultados não são os mais satisfatórios. Pois, pelo que os factos comprovam, o projecto falhou. Ou então muita demagogia foi feita...

Resta às autoridades competentes o dever de encontrarem uma solução.

## Espinho auxilia vítimas das cheias

Por iniciativa de cinco cidadãos espinhenses, decorreu no nosso concelho, uma campanha com vista à recolha de diverso material para auxiliar os desalojados das cheias ocorridas na área de Lisboa. Esta campanha, que terminou no passado domingo, teve o apoio do Presidente da Câmara de Espinho, e a colaboração de todos os Presidentes de Juntas de Freguesia e das duas corporações locais de Bombeiros que puseram à disposição para o efeito, para além das suas instalações algum do seu pessoal e viaturas suas.

Os artigos recolhidos, cerca de 4 toneladas de material são

compostos por roupas, calçado, mobílias e géneros alimentícios e foi já enviado pelos promotores para a Caritas do Porto para posteriormente ser remetido para a capital. O montante apurado em dinheiro, à volta de 200 contos, será depositado na Caixa Geral de Depósitos numa conta especial, sendo depois transferida para uma outra conta em nome do Centro Nacional de Protecção Civil.

Entretanto e para evitar o que aconteceu em ocasiões anteriores os promotores desta iniciativa, irão preparar uma lista das ofertas que remeterão aos jornais locais para publicação.

## Milton Pinho Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C  
TELEF. 720584

## Manuel Correia da Silva

ADVOGADO

Praça General Humberto Delgado, 287-4.º  
Sala 46

Telefs. 23457 - 7641745  
4000 PORTO

## Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582-1.º Esq.  
Sala 3

Telef. 723811 — ESPINHO

## SNACK - BAR MARISQUEIRA RESTAURANTE

## "SEREIA"

Av. 8, 702 — ESPINHO

## Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:  
Arroz de marisco, Lulas,  
Enguias, Caldeiradas, Açorda  
de peixe, Bons vinhos  
RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO  
TELEF. 720091

## Américo Luzerna Pais

AGRADECIMENTO

A família vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que manifestaram o seu pesar, bem como a todos que compareceram na Missa de 7.º dia.

## Maria Helena Faria da Rocha MÉDICA

Consultório:

Rua 62 n.º 1096 (Ponte d'Anta) — ☎ 723118 p. f.  
4500 ESPINHO

VISTA-SE A SI E À SUA FAMÍLIA COM

Crédito Gratuito

## RAICA

PRONTO A VESTIR — HOMEM E SENHORA

RUA 62 — 101 TEL. 722896 4500 ESPINHO

## José Manuel Antunes Meneses

A família e colegas agradecem a todos os que, de qualquer modo, lhe manifestaram o seu pesar e dignaram comparecer à Missa do 7.º Dia.

Vêm ainda por este único meio comunicar que a Missa do 30.º dia se efectua no dia 17 de Dezembro na Capela da Nossa Senhora da Ajuda pelas 12 horas.

V. FEIRA

## A "triste" história do Hospital

Somos um Concelho com trinta e uma freguesias, 120.000 habitantes e 212 km<sup>2</sup> de área. Somos, de longe, o maior Concelho do Distrito. Como se não bastasse a desgraça de não possuímos saneamento básico, temos ainda de suportar o horror (ao que chega a crueldade e a injustiça...) de não nos reconhecerem o direito de possuímos um Hospital!

Um dos motivos da justificada revolta deste Concelho, centra-se à volta da construção do Hospital da Vila da Feira, integrado no Centro Hospitalar Aveiro-Norte.

### UM POUCO DE HISTORIAL

Julgamos conveniente salientar algumas (apenas algumas) das peripécias que têm rodeado este tão longo processo, para que melhor se compreendam as atrocidades que têm sido feitas às gentes da Feira pelos senhores do Terreiro do Paço:

a) — Em 1968, perante as promessas da construção do Hospital pelo Governo fascista de então, o povo do Concelho contribuiu com uma oferta de cinco mil contos. Note-se que, nesta altura, muitos Feirenses que viviam miseravelmente devido a coacções psicológicas de requintados fascistas locais, ofereceram o que lhe fazia falta para comer!...

b) — Em 1971, o então ministro das Obras Públicas veio ao concelho lançar a primeira pedra do Hospital! Valha-nos a consolação de sabermos que as pedras não apodreceram, senhores Ministros!

c) — Em 1972 é exposta ao público uma maqueta do Hospital.

d) — Após vários anos de espera no decurso dos quais se iam recebendo desculpas pelo atraso (a crise, em as costas largas) surge o Secretário da Saúde a considerar «prioritária» a construção do Hospital.

e) — Em 1980 é autorizada

a celebração do contrato para a elaboração do projecto, e no ano seguinte passou-se à elaboração do programa. Como é fácil enganar o povo com projectos e programas!

f) — Dando continuidade ao ciclo de aprovações (neste País há sempre 20 anos de prévias aprovações, antes de qualquer execução) em 1982 a Comissão das Construções Hospitalares aprova o «estudo prévio» do novo Hospital, emitindo o Conselho Superior das Obras Públicas idêntico parecer.

g) — Em 1983 é declarada utilidade pública e urgência da expropriação do terreno necessário.

h) — Depois de 15 anos de «noivado», em que recebemos boas palavras dos nossos governantes, e até maquetes, projectos, aprovações disto e mais daquilo, surgiu, finalmente, a «bomba»! Um despacho que suspende todo o processo, datado de 10 de Agosto de 1983.

### «NÃO BRINQUEM CONNOSCO!»

Todos nós, feirenses, pensamos que tal despacho era mentira... Ou então uma calúnia que se queria levantar ao Governo, ou obra de algum maquiavélico funcionário de uma qualquer Secretaria que queria pregar uma partidinha ao Ministro, ou aos Feirenses. Mas, para espanto de todos, nenhuma destas suposições foram verdadeiras! É que, por mais anedótico que pareça, em Setembro último, o Ministro do Equipamento Social e o Chefe

do Gabinete do Ministro da Saúde informaram que o processo de construção do novo Hospital Distrital «desaparecera desses Ministérios»! Que belas obras literárias escreveria Eça de Queirós, se fosse vivo, sobre os novos «Abranhos» da nossa praça pública!...

Como é possível que, de um momento para o outro, a macrocefalia lisboeta derrube expectativas e esperanças alimentadas numa população, durante tantos anos? Temos o direito de saber, pelo menos, quanto já se gastou em maquetes, projectos, aprovações, desaprovações, ajudas de custo a ministros e secretários, etc., etc....

Os cinco mil contos, oferecidos há 16 anos pelo povo da Feira, a quanto equivalem, nos tempos que correm?

Por favor! Não brinquem mais connosco, porque não há nenhum povo que seja eternamente resignado...

**Nota da Redacção —**  
A partir deste número o nosso correspondente em Fiães, Henrique Ribeiro, passa a cobrir a informação de todo o concelho da Vila da Feira. Excepção feita, naturalmente, a S. Paio de Oleiros e Moselos, onde os nossos correspondentes continuarão a assegurar a informação dessas freguesias. Com este passo, alargaremos a nossa cobertura regional à própria Vila da Feira.

## MARÉ - RUA

# 28% FORA DO 13.º MÊS!

Esta é mais uma daquelas que o povo vai ter que aguentar, como se já não bastassem os impostos existentes ou os preços que não param de aumentar. É mais um buraco a apertar no cinto que cada vez fica mais encolhido.

A função de um Maré-Rua é sem dúvida saber o que o público pensa sobre assuntos, que na maior parte das vezes, lhe dizem directamente respeito. Mas o que pensar então de um público que não reage, quando lhe fazemos perguntas sobre um assunto que sofre na pele como é o desconto de 28% ao 13.º

mês? Que pensar de um público que diz que não responde por que não sabe nada disto, ou que não é economista para fazer juízos ou ainda que acha que como o governo tomou a medida não há nada a fazer?... Será que a crise o pôs em tal estado que já está conformado com tudo que lhe caia em cima, ou será que a política o pôs tão passivo que já não se atreve a dar a sua opinião?

De qualquer maneira o Maré-Rua não quis deixar de ouvir a opinião do público sobre este assunto que nos afecta a todos.

« Bem, não sou economista, mas contudo acho que não é uma medida correcta, além do mais as pessoas deveriam ter sido avisadas previamente e não deveria contar para efeitos retroactivos.

Se é preciso retirar a alguém dever-se-ia a toda a gente e não esquecer-mo-nos daqueles



que ganham muito e que não chegam a descontar para o Estado, esses é que se ficam a rir. No fim de contas quem é prejudicado é aquele que vive do seu ordenado».

Fernando Ribeiro  
Médico

« Não sei, mas julgo que a minha resposta é igual à de toda a gente: não estou de acordo. É uma medida muito



injusta pois vão tirar a quem têm pouco e a quem têm muito não chegam a tirar nada».

Professora Primária

« Não estou bem a par, mas é talvez uma medida necessária só que é muito difícil



para quem precisa mesmo do dinheiro, e que ainda vai ter que fazer mais sacrifícios. Talvez seja preciso tentar, mas poder-se-ia retirar noutros campos e não atacar os mais pequenos».

Rosa Silva  
Doméstica

« Isto está mal! Eu continuo a trabalhar o que posso, mas cada vez é



mais difícil. Não estou de acordo com esta medida mas o governo é que têm que decidir. Ele devia era resolver o problema da crise»

Américo Tavares  
Serralheiro

## Tribunal Judicial da Comarca de Ovar

### ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo deste Tribunal, correm éditos de TRINTA dias a contar da data da 2.ª publicação do presente anúncio, citando o réu ANTONIO AUGUSTO DAS NEVES LARANJEIRA, empregado de escritório, ausente na Venezuela com última residência conhecida no país no lugar de Santa Cruz, Silvalde — Espinho para no prazo de VINTE DIAS decorridos que sejam os éditos,

contestar, querendo o pedido deduzido nos autos de ACÇÃO DE DIVÓRCIO LITIGIOSO que lhe move sua mulher BERNARDETTE MARIA OIVEIRA VALENTE, residente em Gondende — Esmoriz, desta comarca, com base no Art.º 1779 do Código Civil pelos fundamentos constantes do duplicado da petição inicial, que se encontra à sua disposição na Secretaria deste Tribunal, em cuja acção

a autora requer que lhe seja concedido o benefício de assistência judiciária, com total isenção do pagamento de preparos e custas, sob pena de não contestando os autos seguirem os demais até final.

Ovar, 14 de Novembro de 1983

O Juíz de Direito,

Luís Manuel de Vilhars  
de Lucena e Vale

## Câmara Municipal de Espinho

### Edital n.º 68/83

Artur Pereira Bártolo, Presidente da Câmara Municipal de Espinho:

Faz-se público, que durante o prazo de 30 dias, a contar do dia seguinte ao da publicação do presente edital, no Diário da República, está aberto concurso público para a execução da obra de «SANEAMENTO DO CONCELHO DE ESPINHO — PROJECTO DO EMISSÁRIO PRINCIPAL — 1.ª FASE»:

Base de licitação

31.577.220\$00

Depósito provisório

789.431\$00

Só podem ser admitidos ao

concurso, concorrentes nacionais, titulares de alvarás da V categoria ou IV subcategoria da V categoria e das classe correspondente ao valor da proposta.

Os depósitos podem ser substituídos por garantia bancária.

O programa de concurso e caderno de encargos, encontram-se patentes todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, na Secretaria da Câmara Municipal.

A abertura das propostas que devem ser entregues nesta Câmara Municipal ou enviadas pe-

lo correio, sob registo, será feita pela Comissão nomeada para o efeito, no primeiro dia útil seguinte ao fim daquele prazo, pelas 15 horas, na Sala das Reuniões da Câmara Municipal de Espinho, salvo se este coincidir com sábado, que será no primeiro dia útil que se seguir.

E eu, João Vicente, Chefe da Secretaria da Câmara, o subscrevi.

Espinho, 23 de Novembro de 1983

O Presidente da Câmara,  
Artur Pereira Bártolo

Casa especializada em artigos para Noivas  
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamê

# ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

## Para abastecimento de água

# Câmaras de Espinho e Gaia querem empréstimo de 200 mil contos

cujas caves alagadas constituem um perigo eminente para todas as crianças que por lá passam, como em tempos alertámos nestas colunas.

### 200 CONTOS PARA AS VÍTIMAS DAS INUNDAÇÕES

A Câmara, sob proposta de José Fonseca, atribuiu a verba de duas centenas de contos destinada a auxiliar a população da zona da Grande Lisboa afectada duramente pelas cheias recentes. Entretanto, ficámos a saber que o Centro Regional de Segurança Social de Aveiro não se opõe à cedência do terreno ao Infantário do IOS para a construção do novo Centro de Saúde de Espinho.

Os cortes de verbas prometidas têm sido uma constante neste país... A isso não esca-

pou o Jardim-Escola da Escola Preparatória n.º 1; de facto, a verba prometida pela Obra Social do Ministério da Educação para a obtenção de novas instalações... ficou suspensa! Daí que a Associação responsável por aquele Jardim-Escola, onde se encontram cerca de três dezenas de crianças, filhas de funcionários do Ministério da Educação, se tenha dirigido à CME pedindo que esta lhe arranje instalações, gratuitamente ou mediante o pagamento de renda compatível. O assunto ficou para estudo.

A terminar, uma boa notícia para os habitantes do Bairro Piscatório: mediante proposta dos Vereadores Rolando Sousa e Luís Albernaz, vão ser pavimentados os arruamentos do referido Bairro. Já não era sem tempo. Esperemos que a execução desta decisão se efectue o mais rapidamente possível...

## BREVES

Juntamente com os dossiers contendo as teses para o seu Congresso, a delegação do PCP entregou também um autocolante alusivo ao facto a cada membro da CME. Ora bem: o vereador José Fonseca esteve quase toda a reunião com o autocolante na lapela, enquanto que Valdemar Martins leu, durante quase toda a Sessão, as teses. Quando tinha dúvidas, esclarecia-se junto de Casal Ribeiro. Pluralismo, meus senhores, pluralismo...

Do ofício vindo do Centro Regional de Segurança Social de Aveiro em que se manifesta a concordância com a cedência de uma parcela de terreno para a construção do novo edifício do Centro de Saúde de Espinho são referidas certas condições de cedência. Entre as quais, esta: a de «não privar de sol o infantário, nem mesmo de Inverno (I)». Comentário do Presidente Artur Bártolo: «mesmo que esteja a trovejar e a chover, temos de pôr lá o solzinho...» Boa, boa...

## reunião da câmara

Em nossa opinião o assunto mais importante tratado na última reunião da Câmara foi o facto de termos sido informados que as Câmaras de Espinho e de Gaia vão contrair um empréstimo conjunto no valor de 200 mil contos, destinados a custear a construção da conduta Seixo Alvo — Esmojães, que, quando concluída, irá melhorar substancialmente o abastecimento de água aos dois concelhos vizinhos. Esse empréstimo será parcialmente feito ao abrigo de um programa de ajuda económica por parte do Conselho da Europa e outra parte pela Banca portuguesa. No entanto a concretização desta importante operação financeira fica dependente de aprovação na Assembleia Municipal.

Logo no início da reunião, uma delegação da Comissão Concelhia de Espinho do Partido Comunista Português entregou a todos os autarcas as teses que serão discutidas no decorrer do X Congresso daquele Partido a efectivar a partir de 16 de Dezembro.

### AS INEVITÁVEIS (?) OBRAS...

Dizia-se que esta reunião não teria o habitual período dedicado ao enfadonho enumerar de petições e outras questões relativas a obras. A realidade foi bem diferente. A primeira hora foi totalmente preenchida com tal assunto, bem como a parte final. Enfim...

Mas vamos aos pontos mais importantes desta reunião: foi aprovada uma proposta da Junta de Freguesia de Anta no sentido de se arrancar com a construção dum Parque Infantil no Complexo Habitacional da Ponte de Anta, bem como a plantação de árvores no mesmo local. Uma medida, sem dúvida,

importante numa zona nova mas já algo degradada. A Câmara tomou também conhecimento que vão ser reatados os trabalhos de construção do bloco habitacional, junto ao ex-Colégio de N. S. da Conceição. Recorde-se ser esse o edifício

## CONCESSÃO EM CAUSA

# Para além do jogo; o que está em jogo?

Situemo-nos no tempo. Exactamente 30 dias nos separam do final do ano, altura em que, segundo contactos por nós encetados, o Governo irá tomar posição decisiva e definitiva sobre a questão das zonas de jogo em vários pontos do país e por consequência, também em Espinho.

Reservamo-nos pois para neste momento, fazermos um breve, mas atento, historial do que tem sido a actuação da Câmara, instituição a quem cabe a salvaguarda dos interesses do Concelho, sobre a «renegociação do contrato de concessão de jogo».

Na primeira reunião do Executivo Municipal do mês que agora findou, a Câmara aprovou uma proposta sobre esta questão e que pretende ser a sua posição, quiçá intemporal, sobre o assunto. Na altura, duas propostas estavam em discussão e apenas uma delas seria aprovada sendo a outra rejeitada na sua totalidade. Bem sabemos que será nela que nos devemos basear ao analisar esta problemática. Mas, vejamos se ela reflecte o pensar maioritário daquele órgão autárquico. Três vereadores votaram-na favoravelmente (2 PS e o Presidente), dois contra (PSD) e um estava ausente (APU) por motivo de doença. Como seria, se todos estivessem presentes? No mínimo, curioso.

Dizia-se na proposta do Partido Socialista, 5.º considerando, o seguinte: «Considerando que, em casos devidamente justificados, poderá o Governo adjudicar a concessão, independentemente de concurso público (parágrafo 2, Cap. II Art. 7.º Decreto-lei 48912)». Que se pretende ao introduzir este item (7):

— Dizer ao governo que se entender não fazer o concurso público, tudo está bem?

— Mostrar a esse mesmo governo, qual a legislação que deve usar no caso de decidir pela prorrogação?

— Convencer os Espinhenses de que primeiro está a lei e depois os seus interesses?

A série de interrogações poderia continuar, quase que indefinidamente.

### A POSIÇÃO DA CÂMARA ANTERIOR

Curioso é, sem dúvida, confrontarmos o que se está a passar com este executivo e a atitude da Câmara anterior, quando há sensivelmente um ano tomou posição sobre esta questão (junto a publicamos). Nessa altura, todos os Vereadores votaram favoravelmente uma proposta que seria posteriormente enviada ao Secretário de Estado do Turismo. Esteve presente a unanimidade. Agora três elementos do elenco anterior continuam em exercício de funções, embora dois deles com posições diferentes. O quê e quem mudou desde então?

### O QUE IRÁ ACONTECER?...

Voltemos à situação actual. Propõe o documento aprovado há cerca de um mês, na sua alínea b) «que na hipótese do Governo decidir de forma diferente por razões ponderosas, a Câmara, como parte directamente interessada, exija ser consultada e que as suas pretensões sejam contempladas no plano de obrigações a que a concessionária deva satisfa-

## A POSIÇÃO DA CÂMARA ANTERIOR

Este o teor da posição do anterior executivo:

### «RENEGOCIAÇÃO DO CONTRATO DE CONCESSÃO DE JOGO»

Pelo presente levo ao conhecimento de V. Ex.ª que esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de 23 do corrente, ao apreciar o conteúdo do ofício da S.E.T. com referência n.º 3234, relativo ao assunto em epígrafe e do qual junto fotocópia, deliberou aprovar a proposta seguinte:

1 — Manter opinião de que actual concessão da Zona de Jogo não deve ser prolongada para além do seu termo.

2 — Insistir para que a concessão de novo período de Exploração seja objecto de Concurso Público nos termos da lei.

3 — Manifestar-se a fa-

vor de que seja facultada a todos os cidadãos igualdade de oportunidade e de que se cumpra a lei, como é de exigir num Estado de Direito democrático.

4 — Transmitir a sua convicção de que só através de concurso público serão defendidos os interesses dos cidadãos, do Estado e do Concelho de Espinho.

5 — Informar que pretende ser chamada para a definição oportuna dos aspectos com interesse para o Concelho de Espinho e que seriam de incluir nas obrigações de uma nova concessão.

Com os melhores cumprimentos.

O Presidente da Câmara

José Carvalho da Fonseca

zer». O que são razões ponderosas? Existirão elas para casos desta natureza? Mas a isso ainda voltaremos mais adiante. Por agora, suponhamos que elas existam e o Governo até chama a Câmara para ser «consultada». Estará esta preparada para tal? Está elaborado algum caderno de obrigações para a concessionária? Será que fazer as coisas em cima do joelho, é o melhor caminho a seguir?

A proposta dos vereadores do PSD, que foi reprovada, apontava para a criação de um gru-

po de trabalho que em nosso entender poderia vir a ter a função de preparar a Câmara para as negociações — o que pode acontecer a todo o momento. Mas a posição da Autarquia está tomada e isso foi esquecido. Será que o Consenso é palavra banida do vocabulário de alguns dos membros deste executivo? Não poderia ser ele (consenso) usado para, a partir de duas propostas, saí- uma que melhor salvaguardasse os interesses espinhenses? Afinal, para além do jogo, o que está mais em jogo?

## A Nova de Espinho

TINTURARIA e LAVANDARIA

Lavados a seco com rapidez  
Tintos em todas as cores  
LUTOS RÁPIDOS em 24 h.  
R. 22 n.º 495 - Tel. 721074  
ESPINHO

## TABACARIA DO MERCADO

TABACOS - REVISTAS  
JORNAIS - TOTOBOLA

Rua 23 (Mercado Municipal)  
Telef. 722717 — ESPINHO

## MODAS MENDES

LANIFICIOS  
MODAS — CAMISARIA

R. 16 n.º 683 - Tel. 720168  
ESPINHO

# Acção Social Escolar

apenas que Silvalde fica a pouco mais de 4 kms!

Lá que os alunos sejam carenciados — e estes são os mais prejudicados — percorram vários quilómetros diários, andem mal alimentados e o sejam igualmente nas próprias escolas, isso é problema que o ministério remete aos professores, até porque há-de haver sempre alguém que justifique os erros, como a nível nacional têm servidos as «secas», as «cheias», e este ano, para mal dos nossos pecados, os «temporais» que abateram sobre alguns concelhos da zona de Lisboa!

O problema dos transportes vai mais longe. Como as verbas não chegam, os cortes atingirão alunos que distam mais de 4 kms das escolas. Segundo uma nota do Ministério enviada às escolas, os pri-

continuação da última página

meiros a sofrer as consequências serão os alunos do 12.º (só faltava mais esta a complicar mais o polémico ano de escolaridade) e se o corte a esses alunos não resolver o problema será a vez do 11.º, 10.º e por aí adiantel!

Alunos haverá, nas escolas secundárias de Espinho, que terão de suportar encargos mensais em transportes de mais de 5 contos!... É por exemplo o caso dos alunos de Pedorido.

É quase certo que, pelo menos na secundária M. Laranjeira o corte de transporte ao 12.º ano não será suficiente...

Mais uma vez, quem tem dinheiro estuda, quem não tem fica em casa, à espera do emprego que sempre tardará.

Assistimos hoje ao renovar dos métodos fascistas que

apontavam para a selecção dos quadros a nível social — cortando economicamente a hipótese aos mais modestos — independentemente da qualidade e de forma a garantir para as classes privilegiadas o controlo da economia e dos serviços.

## MATERIAL ESCOLAR OUTRA QUESTÃO

O material escolar abrangido pelos subsídios divide-se em dois grupos: duradouro (livros) não-duradouro (cadernos, canetas, etc).

Também neste campo as escolas estão já a enfrentar problemas.

Em princípio, as escolas tentam resolver o problema dos livros e fazem incidir os cortes no material escolar não duradouro.

Porém, na M. Laranjeira, os próprios livros deixaram de ser requisitados a partir do início de Novembro e na preparatória n.º 1 dificilmente haverá dinheiro para a 2.ª prestação do material não duradouro.

## ALUNOS SUBSIDIAM-SE A SI PRÓPRIOS

Assim se pode compreender o aumento da taxa de exploração dos bufetes e papelerias

escolares de 5% para 10%.

O lucro destes serviços, que por princípio devia ser próximo de zero, reverte para os A.E.D..

Aumentando para 10% a taxa de lucro o IASE demonstra querer cobrir parte das receitas com o dinheiro dos próprios alunos.

As escolas restam duas alternativas: não seguir aquela indicação de lucro e prescindir dele para os auxílios económicos — o que se reflectirá no aumento de cortes — ou seguir aquela taxa de lucro, transformando aqueles serviços em pouco menos que normais livrarias ou bares!

## A FINALIZAR

Os problemas aqui levantados poderiam até ser compreendidos no enquadramento da crise económica geral que vivemos.

No entanto, a forma tão pouco cuidada e a falta de mecanismos que regulem situações excepcionais retiram toda a razão aos responsáveis por tudo isto.

O corte de verbas para o ensino é muito mais do que uma forma de resolver a crise. É o princípio da negação de igualdade de circunstâncias no acesso ao ensino.

## FERNANDO RODRIGUES LIMA

TRAVESSA DA RUA 5

TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA — TELEF. 721739

Distribuidor dos papeis COLOWALL com nova colecção para 1983/84 acabada de sair, VIMURA, PARÊTA, PARATI, etc. Pavimentos para cozinhas e casa de banho, Alcatifas, etc. ORÇAMENTOS GRÁTIS

## «PASSE A VER MELHOR»

Não tenha dúvidas! Com candeeiros de DOMINGUES & MARTINS, passará a ver melhor em sua casa. Esta empresa possui uma vasta gama de modelos e de cores onde o vossó bom gosto encontrará plena satisfação.

FÁBRICA DE LUSTRES EM CRISTAL

## Domingues & Martins, L.<sup>da</sup>

Rua 1 - Escolas do Engenho — ☎ 53573

MARINHA GRANDE

Saberá ouvir-nos e solucionar o seu problema de compra de candeeiros, porque sabe combinar o Metal e o Vidro para fabricar o que o seu bom gosto exige.

## Polícia de Segurança Pública

EDITAL

Eu, ISMAEL DA ASSUNÇÃO CAMELO, 1.º Comissário da PSP e Comandante desta Secção da Polícia e Manuel de Oliveira, agente n.º 262 da mesma Polícia, «fazem saber» para todos os efeitos legais que, se encontram no Comando desta Secção da Polícia «SERVIÇO DE ACHADOS», — 2 motorizadas completas e uma s/ motor e ainda apenas um motor; 5 bicicletas simples, sendo duas destas próprias para crianças; um volume de sacos plásticos; um aro para roda de automóvel e um tampão; 15 porta-chaves; vários distintivos de automóvel da marca RENAULT; 3 bolas em borracha para jogar à bola; uma chave de rodas; 4 carteiras; um casaco de napa; 5 porta-moedas; um estojo de ferramentas; um saco com várias roupas; um chinelo; 5 pares de óculos; um boné; um pano de croché; 2 capacetes de protecção para a cabeça; vários ponteiros de aço, duas camisolas e um relógio, artigos estes que foram achados ou encontrados

na via pública desta cidade de Espinho ou em outros locais, que serão entregues a quem provar pertencer-lhe até ao dia 14 de Dezembro de 1983, data em que serão Leiloados em Leilão a realizar publicamente nesta mesma Secção de Polícia pelas 14 h., daquele dia 14/12, juntamente com outros artigos que até aquela data terminem o prazo legal e não sejam reclamados pelos seus egítimos donos ou os seus achadores desistirem dos mesmos achados.

É por ser verdade e para constar se lavrou o presente Edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume desta cidade e publicados nos jornais «Defesa de Espinho», «Maré Viva» e «Espinho Vareiro» e por mim e pelo agente referido vão assinados aos 22 dias do mês de Novembro de 1983.

O Comandante da Secção  
Ismael da Assunção Camelo

O Agente Encarregado,

Manuel de Oliveira

## CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR  
DISCOTECA

O seu ponto de encontro  
Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.  
Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas  
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — ESPINHO



## RESTAURANTE \* SNACK-BAR

Sob a gerência do Aquário Marisqueira  
ABERTO ATÉ AS 2 HORAS DA MANHÃ

PRATOS REGIONAIS  
SERVIÇO A LISTA  
MARISCOS SEMPRE FRESCOS  
SALA PARA BANQUETES

Faça-nos uma visita e ficará cliente

Avenida 24 n.º 827 — Telef. 721630 — ESPINHO

## JOAQUIM ALBERTO PINTO DA ROCHA, L.<sup>DA</sup>

Electrodomésticos BAUKNECHT - SIEMENS - ARISTON

Rádio e TV LOEWE-OPTA - SIMENS - BERCKO

Distribuidor Alta-Fidelidade PIONEER

TV côr KOLSTOR e ETERSOM

GALPGÁS — MÓVEIS E DECORAÇÕES

RUA 31 N.º 469 — TELEFONES 720977 e 720325 — ESPINHO

Assistência Técnica em todo o material

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

## Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO  
RUA 19 N.º 294  
ESPINHO

## ALBUQUERQUE PINHO FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS:

R. Júlio Dinis, 778-4.º Dto.  
Telef. 698704 4000 PORTO

Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 722964  
4500 ESPINHO

## JOSÉ OLIVEIRA

— SOLICITADOR —

ESCRITÓRIO:

Rua 19 n.º 401 - 1.º  
Telefone 720093  
ESPINHO

## A MODELAR

Telefone  
723068



Rua 16 — Merc. Municipal  
4500 ESPINHO

Aviamento rápido de receitas  
de óculos com descontos das  
Caixas de Previdência

## O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico  
e Decorações

Rua 12 n.º 593 — ESPINHO  
Telef. 723299

## CAFÉ e RESTAURANTE COPÉLIA

Almoços e Jantares  
Serviço à lista

Especializado em  
Casamentos e Baptizados  
Grande Variedade de  
Petiscos

R. 23 n.º 808 - Tel. 723152  
ESPINHO

## Casa VERMAR

José Rachão e António Marinhão

Especialidades em arroz de  
marisco, Caldeiradas e todos  
os géneros de Petiscos  
Bons Vinhos - Bom Ambiente  
R. 2 n.º 1413 — ESPINHO

# FIM DE MÊS

maré viva

N.º 9  
NOVEMBRO 1983

REVOLUÇÃO DE 1383-85

## A "arraia miúda" acordou há 600 anos...

Neste ano de 1983 que se aproxima do seu final (sem deixar grandes saudades) completam-se seis séculos desde a data em que o Portugal-País estremeceu pela primeira vez. A «classe dominante» sofria um rude golpe. Golpe de que, como em quase todas as revoluções de cariz mais ou menos popular, se viria a recompôr, tempos passados. Com profundas cicatrizes, a pouco e pouco «plasticamente» curadas... Mas os dois anos que decorreram entre 1383 e 1385 mudaram muita coisa num País até aí introvertido. A Revolução, talvez sem o querer, escancarou as portas (e os portos...) para um evento a que muitos historiadores chamaram «um projecto nacional» — a Expansão!

Não está na nossa intenção fazer o roteiro histórico da Re-

volução. Muito pelo contrário. Apenas tecer algumas conside-

rações sobre o significado do Movimento, apoiando-nos em nomes bem conhecidos do Trabalho Histórico nacional — António Sérgio, Oliveira Marques, José Hermano Saraiva, Borges Coelho e... inevitavelmente, Fernão Lopes.

**O POVO ARRISCA,  
E A BURGUESIA...  
PETISCA!**

Fernão Lopes. Praticamente a única fonte existente sobre a Revolução e que na «Crónica de D. Fernando» dizia o seguinte: «Mal caiu a tampa do caixão sobre o corpo de D. Fernando, estalou a Revolução!» Porque de Revolução Social se tratou, ultrapassando de longe a velha e relha ideia de Guerra da Independência. Alguns historiadores delfins do Salazarismo chegam mesmo a apodá-la de «Subversão social». Que «subversão»? António Sérgio afirma: «Evidentemente, quem combateu nas cidades e nos campos — o soldado raso, por que assim digamos — foi o o Povo, levado pelas ideias e pelos sentimentos que lhe eram próprios; chamamos burguesia à revolução porque foi a Burguesia que, de facto, a inspirou, que lhe deu o rumo, que a di-

rigiu, que lucrou com ela...»

A Burguesia dirige e colhe os (efémeros) lucros. O Povo vai, de peito aberto, voluntarioso, sem olhar para trás e cria o movimento de fundo que vai permitir o triunfo do Movimento. Alvaro Pais, burguês e um dos «líderes» da Revolução demonstra um alto sentido de «agit-prop» quando corre a Lisboa de então gritando «Acorramos ao Mestre, amigos, cá (porque) é filho del Rei Dom Pedro!» Era o apelo à insurreição popular, a partir de um facto criado... E o Povo de Lisboa acorreu... e fez a Revolução, de que pouco ou nada viria, afinal de contas, a lucrar! A parte de leão estaria, como sempre, reservada, numa primeira fase, para a Burguesia;

a velha Nobreza feudal passaria por um período de eclipse, cedendo o lugar a uma nova nobreza, de competências, ou se quisermos, uma Nobreza que o é pelos serviços prestados ao Mestre de Aviz. Fernão Lopes, na «Crónica de D. João I» afirma: «Com a revolução começou a sétima idade, na qual se levantou outro mundo novo e nova geração de gentes, porque filhos de homens de tão baixa condição que não cumpre de dizer por seu bom serviço e trabalho, neste tempo foram feitos cavaleiros, chamando-se logo de novas linhagens e apelidos...»

O Povo, a «arraia miúda», continuava cada vez mais na mesma...

### INTERREGNO OU MUDANÇA?

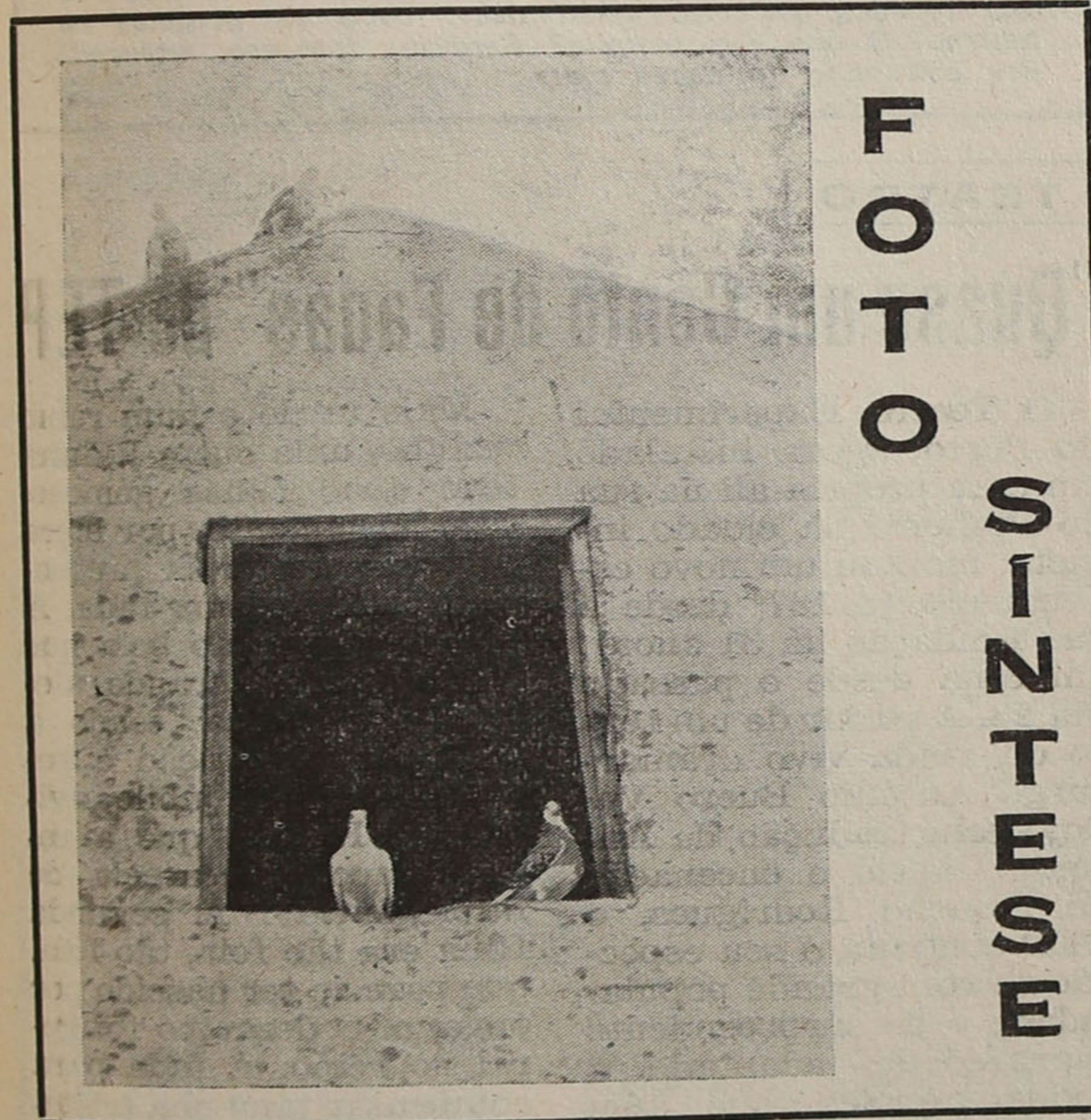
Mudança, sem dúvida! O termo «interregno» foi um expediente bafiento, parido pelos «pseudo-historiadores» lusitanos, exprimindo a ideia de que nada de essencial se passou entre 1383 e 1385 no que respeita a alterações de fundo. Para esses servidores da História Pátria aqueles dois anos foram mesmo um tempo «entre-reinados». Mas, na realidade, foi o fim de uma conjuntura e o começo de outra, ambas com seus defeitos e virtudes. Mas Borges Coelho afirma: «Interregno não é vocábulo definitivo. O conteúdo definitivo que convém aos factos sociais e políticos de 1383, porque essencial e característico, é o de primeira Revolução burguesa e nacional triunfante».

Mudança, de facto. E rápida. Por isso, Revolução. Um tanoeiro lisboeta, incitando os seus companheiros de classe, durante o movimento revolucionário, à luta, dizia «apenas» isto: «O que eu tenho a arriscar é, só, o meu pescoço...» Só...

Continuando com a ideia de

António Borges Coelho: «Outros preferem a palavra «crise». Mas uma vez para recusar ou silenciar nos acontecimentos o conteúdo que lhes apreende o vocábulo revolução o conteúdo de acção de forças sociais e políticas que forçam o nascimento de um mundo novo». Crise, talvez. Crise, com toda a certeza, de um sistema obsoleto de governação que caracterizou a maioria do período de tempo a que alguns convencionaram chamar a 1.ª dinastia. Mudança e revolução, isso sim. Se bem que relativamente efémera. Como boa parte das revoluções, pelo menos no respeitante aos desígnios que estão na sua origem.

Paralelismos poderão, sem dúvida ser estabelecidos entre a Revolução de 1383/85 e outras Revoluções que tiveram como cenário este País. Talvez, nomeadamente com uma outra que teve lugar há quase dez anos. Porém esta, a que nos referimos neste pequeno esboço de «fotografia-crítica», já se passou há 600 anos... Será que a História se repete?



F  
O  
T  
O  
  
S  
Í  
N  
T  
E  
S  
E

livraria

# LIVRÁLIA

papelaria

Agente do TOTOBOLA

RUA 23 N.º 211

4500 ESPINHO

TELEF. 720513

# Carlos Barradas:

## «Fazer banda desenhada é uma maneira de estar na vida»

Vamos partir para a entrevista. O entrevistado está escolhido, está mesmo à mão. As perguntas trabalhadas e laboriosamente pensadas ficam de fora. A conversa vai-se desenrolando e poucas são as notas no papel. O esquema é diferente e só resta esperar pelo produto final. Dará resultado? Haver vamos.

Com 36 anos passados após o seu nascimento em Lisboa, Carlos Barradas, um homem da Banda Desenhada em Portugal (coisa esquisita!), está em Espinho por alturas do CINANIMA. Motivo mais que suficiente para o entrevistarmos, já depois de algumas entrevistas publicadas

«Não é só contar histórias; é uma maneira de estar na vida. Há no entanto, um grande analfabetismo. As pessoas têm o padrão do lá de fora — tudo o que seja de cá de dentro, é mau».

Entramos agora no diálogo. Para trás, ficaram as perguntas

Como é que vês a crítica? Tem ela alguma influência no teu trabalho? «Sempre viajei muito e fui educado num esquema totalmente diferente. Embora tivesse algumas deficiências de informação, era um ambiente mais rico, mais aberto». Carlos Barradas aqui, estava-se a referir a grande parte da sua vida passada em Angola. «É isso que me faz fazer muita coisa sem preocupações críticas. Aliás, só me importo com a crítica que acrescenta algo mais ao meu trabalho, que aponte pistas».

Nesta altura está a começar o colóquio de B.D., uma das manifestações paralelas do CINANIMA. Vitor Mesquita está no seu posto e o público está-se a sentar — na sua maioria jovens. Estamos na piscina e a conversa prossegue a um canto. Por onde começa, pelo desenho ou pelo texto? «O texto é muito importante e com um bom texto podemos obter uma boa história. Mas é preciso ter as duas coisas. Tem de se encaminhar o leitor, deixá-lo pendente para o que se vai passar a seguir».

Quando não estás a desenhar, o que fazes? «Leio, durmo ou vou ao cinema. Mas estou sempre a desenhar, faz-me falta. Desenho tudo, o que está por aí. Antes de vir para aqui estive a desenhar o meu quarto».

A entrevista está mesmo a acabar. O outro «sócio» já quiz acabar com ela tantas vezes que temos mesmo de terminar. Mas, ainda há tempo para mais uma «bucha» (há sempre tempo). Uma pessoa desenhar assim, aqui, só para os outros olharem... qual é a sensação? «Chateia-me um bocado, mas tem de haver cedências. Uma das coisas que mais detesto é gajos a espreitar por cima. Gosto mais do trabalho solitário». E o cinema? «Estou a investir mais nisso. O meu grande fascínio é o cinema em geral. Mais rico, mais criativo». E a rapaziada que anda por aí e gosta do desenho? «São porreiros. Precisam de desenhar mais e tirar as influências do Moebius. Copiar os outros gajos e ir para o jardim desenhar».

Terminamos. Carlos Barradas não vai dizer quase nada durante o colóquio que se vai seguir. Está de costas a desenhar. Aqui fica parte do pequeno e atribulado bocado que estivemos com ele.



em outros jornais e num momento em que o seu lugar, no dizer de alguém, teria de ser outro que não o estarmos juntos. Mas, à custa de algum sacrifício lá fomos conseguindo...

«Um gajo aqui não tem hipóteses. Onde estão os Editores?», pergunta-nos. Barradas já tinha afirmado ao jornal do Festival, isto: «Tenho desgosto de ter nascido neste país». É evidente que para além do seu desgosto, outras coisas haverão. Uma delas, é, por exemplo, quem consome e gosta do seu trabalho. «São uma elite. Afinal, quantos vão ao teatro, compram livros ou vão ao cinema. A questão é a mesma».

Tentamos mudar a conversa, já que aqui o panorama não estava muito «animado». A pergunta — Fazer Banda Desenhada, é apenas contar histórias?

pré-concebidas e as respostas dadas, como que a fazer funcionar o esquema. Há nos teus trabalhos, uma grande dose de crítica social... atiramos. Quando ainda pretendíamos dizer algo mais a resposta veio, meio aflita, porque o parceiro ainda lá continuava — «Ó Barradas, preciso ali de ti a desenhar, pá». — «Sim, é uma questão de opção. Tudo se pode subverter e gozarmos com isso. Gozar, no bom sentido», diz Carlos Barradas, levantando-se para logo se sentar. «Por exemplo, continua, quando fiz o Capital de Karl Marx (em B.D.), as pessoas ficaram muito chocadas. Não estava a ser ortodoxo e isso nunca é bem aceite. É preciso é uma pessoa ser de sinal diferente, fazer coisas diferentes, falando mal ou bem».

## Política de Chinelos

(9)

### Os cenários da luta

Enquanto o jornaleco permanecia em caracólica gestação no ventre opositor e o poder congeniava contra-ataques imparáveis, o jovem concelho lá se arrastava sem pressas, quotidiano amornecido por maresias e embalado por nordestinas ventanias. Do lado de fora do combate político que se começa a desenhar, como temas relatado, sem desânimos ou concessões.

O Zé da Miquelina e os que se abrigavam no mesmo tecto, replartindo o caldo e o conduto, as pingas e as flutuações de humor, ganhavam os cobres nas lides da Fábrica. No andar abaixo do escritório do sr. Fulano da Silva manga de alpaça com moradia, pouco distante do centro e esposa especializada em chás e biscoitos às cinco da «matiné», à boa maneira inglesa. Ao lado do Chico Calceteiro, carroceiro íntimo com as alimárias que arrastavam o pessoal do cenro à Fábrica e «versa-vice», como diz o doutor. Todos indicavam a boina, as melenas ou o «palhinhas» perante os monarcas das conservas. Conspirou para vir para o olho da rua, numa época em que não tido sido inventado o Fundo de Desemprego, quanto mais a retroactividade fiscal do dr. Alípio Dias.

De fora, as varinas, os homens dos fretes, os comerciantes e os assalariados. Mas, incapazes de ignorar as pelejas travadas entre as gentes da Fábrica e os republicanos casmurros.

«Em lutas de galos, não me meto. As bicadas podem passar ao lado do alvo e cravarem-se nos esbugalhados dos mirones. Põe-te à margem. Plardalecos são falecos para galináceos de grossos esporões. Vaj por mim».

E o jardineiro, arrepiado com tão negro panorama, abafava os protestos nas entranhas dum esburacado caneco.

«Eles recebem dinheiro das «estranjas». Sabe-se lá quantos bolcheviques andam por aí camuflados de democratas...»

Dava uma de efeito. Pendia a bigodacha na direcção do tacho. Intervalava para acertar no escarrador. O brasileiro era bom de pontarial

«Assumo a minha verticalidade e independência. Sou neutro, não alinho em comprados políticos, sejam eles da situação ou do contra».

O vendedor de fazendas interrompia a tirada, para vergar a espinhela face à passagem do excelentíssimo presidente do município.

«Sei lá o que eles querem? Nunca quiseram saber as minhas sentenças. Fizeram a tal Câmara, meteram quem lhes apeteceu, fazem barulho, chutam para lá, rematam para cá. E eu? Engraxo as botas, carrego com os malotes vou aos recados para as «madamas», bebo as gorgetas na taberna. O que eles querem? Sardinha francesa, arrancada das entranhas do nosso mar».

## TEATRO

### «Quase um Conto de Fadas» do TEP

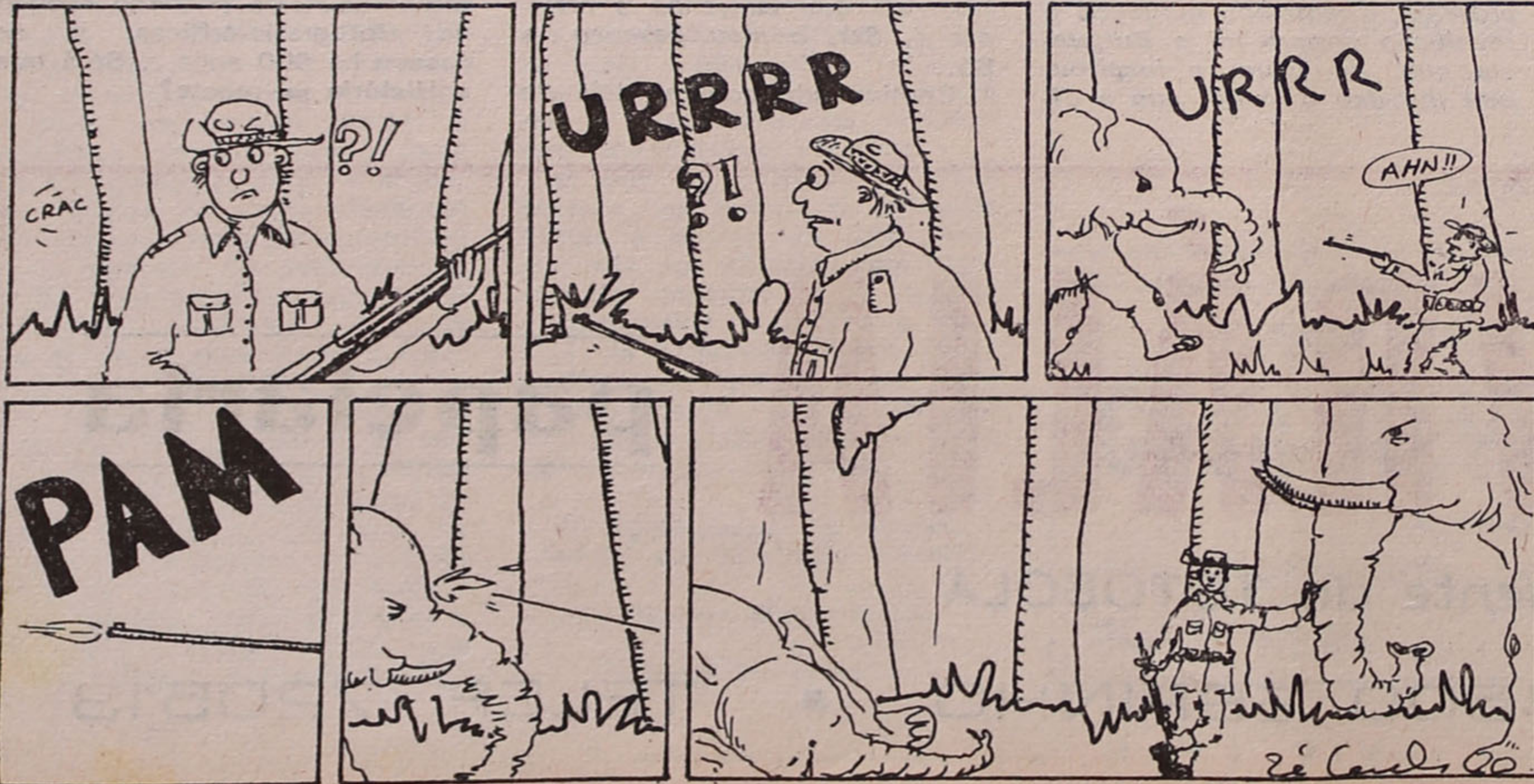
O Teatro Experimental do Porto, agora instalado em casa própria ali na rua do Pinheiro na cidade invicta, montou um novo espectáculo (o 137º desde a sua fundação há 31 anos), em cena desde o passado dia 23. A partir de um texto do ainda vivo dramaturgo António Buero Vallejo com tradução de António Capelo e encenação de Moncho Rodrigues, o TEP contruiu o seu espectáculo com grande popularidade e de surpreendente humanidade, adaptado a todos aqueles que têm bom gosto.

Este espectáculo, subsidiado pela Secretaria de Estado da Cultura e pela Câmara Municipal do Porto, conta a história do filho de uma rainha, tão feio e mal «planeado» que pairou sobre o reino a dúvida sobre se seria humano. Uma fada que assistiu ao nascimento, assegurou que o príncipe seria de uma grande amabilidade porque possuidor de grande inteligência. Deu-lhe também o dom de poder transmitir a sua inteligência à pessoa amada.

Mais tarde e num reino vizinho, uma outra Rainha teve duas filhas gémeas, cujo nascimento, por mera coincidência, seria presenciada pela mesma fada. A primeira era tão bela que logo suscitou grande alegria na Rainha, tendo a fada, por precaução e perante tamanho júbilo, avisado a Rainha que a recém nascida «carecia de inteligência». A segunda filha era tão feia, tão feia, que parecia ter nascido por engano. O desgosto foi geral no reino. A fada para compensar tamanha tristeza, dotou a feia de grande inteligência».

Com o passar dos anos e o «natural» avanço dos meios de comunicação, as notícias de um reino chegaram ao outro. Foi então que o príncipe decidiu pôr à prova o sortilégio já conhecido e, incógnito, viajou até ao reino vizinho para conquistar o amor da princesa mais velha, mais bela e mais tonta...

Este o princípio da intriga que o TEP se propôs a apresentar todos os dias na sua nova sala, e num espectáculo de rara beleza.





**ANDEBOL**

**Campeãs do S. C. E. recebem galardões**

No passado sábado, as andebolistas seniores do SCE receberam a Taça e as medalhas correspondentes à sua brilhante vitória no Campeonato Regional da modalidade na época transacta.

Na pequena cerimónia, que antecedeu o encontro SCE — Amanhã da Criança (que as espinhenses venceram por um conclusivo 34-8), estiveram

presentes o Presidente da Associação de Andebol do Porto, Jorge Dias e ainda A. Teixeira, Brilhantino Mourão, Lopes de Almeida e Manuel João Aguiar, todos eles dirigentes associados. Nas breves palavras que pronunciou antes da entrega dos galardões, Jorge Dias salientou ser essa a primeira vez que a A.A.P. vai junto de equi-



A equipa agora homenageada pela A.A.P.

pas fazer a entrega de prémios e que isso será prática corrente a partir deste momento. Felicitou o SCE, não só por esse título, mas por todo o trabalho que a colectividade espinhense tem desenvolvido em prol da modalidade. Finalmente, a capitã Clara Pinto recebeu a taça das mãos do presidente associativo e toda a equipa recebeu medalhas: Maria Domingas, Ro-

sa Silva, Paula Rodrigues, Paula Franco, Rita Rodrigues, Carmo Milheiro, Cristina Silva, Silvia Gomes, Auzenda Barros, Teresa Figueiredo, Paula Moreira, Rosa Sousa, Raquel Martins, Marta Gomes, Alexandra Dias e Conceição Dias, para além dos seleccionistas José Chumbinho e José António e do treinador Prof. António Canelas.

**ESPINHO, 1 - ESTORIL, 1**

**... como é costume!**

Como já é norma nas últimas épocas o Sporting de Espinho foi arrancar um ponto ao Campo António Coimbra da Mota, no Estoril. Se bem que a lanterna vermelha continue de posse dos espinhenses, este ponto conquistado fora tem sempre um bom sabor. Esperemos que, psicologicamente também tenha efeitos benéficos num plantel que tem andado algo desmoralizado.

A turma espinhense começou a jogar calmamente e com organização coisa que não tem sido hábito, ultimamente. Assim, logo aos 19 minutos do 1.º tempo, Bábá faria o 1-0 para os «tigres». O Estoril no entanto empataria quase no final do pri-

meiro tempo. Nos últimos 45 minutos o Espinho manteve a toada de contra-ataque e uma boa organização defensiva. Perto do final do jogo a equipa espinhense ia sendo, mais uma vez, prejudicada pela arbitragem: o árbitro Raul Nazaré marcou uma grande penalidade inexistente contra o SCE. Vítor Madeira, porém, atirou a bola por cima da barra. A justiça foi feita...

*Sob a arbitragem da Raul Nazaré, o SCE apresentou: Mendes; Ramalho, Vivas, Serra e Raul; Carvalho (Pinto da Rocha, aos 61 m.) Dinis, Salvado e David; Bábá (Moinhos aos 80 m.) e Abel.*

**O Futebol Mundial em números**

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) agrupa actualmente 150 países de seis confederações regionais: África, Ásia, Europa, América do Norte, Central e Caraíbas, América do Sul e Oceania. De acordo com os dados da «FIFA News», é a seguinte a distribuição das forças futebolísticas no mundo:

**ÁFRICA:** A Confederação deste continente ocupa o primeiro lugar quanto ao número de países — 42 —, ou seja, 28 por cento dos membros da FIFA. Tem registadas 16.638 equipas e 505.889 jogadores, dos quais apenas 330 profissionais. O futebol africano é jovem e conta com 165 mil juniores.

**ÁSIA:** Ocupa o segundo lugar quanto ao número de países — 37 —, isto é, 24,67 por cento do total da FIFA. Na Ásia, há 31.788 equipas e 3.411.022 jogadores, dos quais 1.166.868 juniores. Formalmente não existe profissionalismo, ainda que em alguns países joguem semi-profissionais, que somam apenas 3.572.

**EUROPA:** Ocupa o terceiro lugar com 34 federações (22,67 por cento). Quanto ao número de equipas (464.724) e jogadores (17.760.014) é todavia a primeira — respectivamente 60,43 por cento das equipas e 44,58 por cento dos jogadores agrupados na FIFA. A URSS é o país que tem mais jogadores na confederação: 4.372.000, seguida da República Federal Alemã, com 4.020.240. A Europa possui também o maior número de profissionais (23.340) e juniores (6.525.594).

**AMÉRICA DO NORTE, CENTRAL E CARAÍBAS:** Esta confederação de 23 países figura em segundo lugar quanto ao número de equipas registadas, 132.601, ou seja, 17,24 por cento e de jogadores, 15.291.420, o que equivale a 38,39 por cento. Na região, há 7.454 futebolistas profissionais e 3.059.253 juniores.

**AMÉRICA DO SUL:** A confederação agrupa 10 países (6,66 por cento de membros da FIFA). Está em terceiro lugar quanto ao número de jogadores registados (2.349.622), isto é, 11,62 por cento. Há 83.348 equipas, 22.285 futebolistas profissionais e 1.750.974 juniores.

**OCEANIA:** É a confederação mais pequena, agrupando apenas 4 países: Austrália, Fidji, Nova Zelândia e Papua - Nova Guiné. A cabeça de todos os índices está a Austrália, com 30.236 clubes e 433.957 jogadores. Na Oceania, há 516.676 futebolistas registados, dos quais 192 profissionais.

Em geral, participam continuamente em torneios, em todo o mundo 769.019 equipas e 39.834.643 jogadoras. Destes, 53.514 são profissionais e 11.873.523 juniores.

**BANCADA DE IMPRENSA**

Na edição de sábado passado do semanário «A Bola», topámos ao ler a secção «Bastu» com o seguinte recorte: «Toda a Imprensa, todos os mass-media comentam os menores gestos dos campeões, apresentam exaustivamente todos os incidentes e resultados das competições e deixam, na sombra, os problemas políticos que justificam também esses incidentes e esses resultados. E assim o público do desporto vai perdendo lentamente a sua consciência crítica».

O que transcrevemos acima tinha sido publicado, originalmente, na obra «Para uma crítica fundamental do desporto», de Pierre Laguilleumie. Tão certo como dois e dois serem quatro é a verdade expressa neste naco de realidade que o leitor pôde ler três ou quatro linhas atrás... Claro que aí também nós, «Maré Viva», assumimos a nossa quota(zinha-parte de responsabilidade na questão... Daí não lavamos as mãos, se bem que não estejam tão «sujas» como isso!

De toda a maneira (e desculpe a insistência) volte atrás neste texto; leia, de novo, aquilo que transcrevemos de «A Bola» e da autoria de Pierre Laguilleumie. Já leu outra vez? Agora pense se serão só os mass media que têm esse odioso e (muitas vezes) real papel. Também são (alguns)... Mas será que você já se esqueceu dos telegramas, palmadinhas nas costas e recepções oficialíssimas que os «tops» do Governo deram ao Gomes quando ele recebeu, em Paris, a «Bota de Ouro»? A culpa não é só nossa, meios de Comunicação Social. O (mau) exemplo vem do alto...

**RESULTADOS DA SEMANA**

**ANDEBOL**

Juvenis Masculinos — SCE, 20 — Maia, 19  
Sen. Fem. — SCE, 34 — A. da Criança, 8  
Sen. Masc. — SCE, 21 — Desp. Portugal, 27

**HÓQUEI EM CAMPO**

Primeiras — AAE, 2 — Lousada, 1  
Reservas — AAE, 1 — Lousada, 0

**HÓQUEI EM PATINS**

Nac. da 2.ª div. — AAE, 15 — Escola Livre, 5  
Iniciados — AAE, 2 — Carvalhos, 3  
Infantis — AAE, 3 — Carvalhos, 6  
Juniores — Sanjoanense, 2 — AAE, 11



**Clínica Médica**

RUA 16 N.º 789 — 4500 ESPINHO

ATENDIMENTO PERMANENTE  
URGÊNCIAS DOMICILIÁRIAS  
CENTRO DE ENFERMAGEM  
ANÁLISES CLÍNICAS  
ELECTROCARDIOGRAMAS  
CONSULTAS DE ESPECIALIDADE

- DERMATOLOGIA
- PNEUMOLOGIA
- ALERGOLOGIA
- CARDIOLOGIA
- CIRURGIA
- UROLOGIA
- PEDIATRIA MÉDICA
- PEDIATRIA CIRÚRGICA
- GINECOLOGIA
- OBSTETRICIA
- PSICOLOGIA CLÍNICA
- PSIQUIATRIA
- ORTOPIEDIA
- ENDOCRINOLOGIA
- NUTRIÇÃO

**Moreira da Costa**

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º  
Telefone 721014  
E S P I N H O

**ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ESPINHO**

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Em conformidade com o artigo 24.º dos Estatutos e nos termos do Artigo 26.º convoco todos os associados no gozo dos seus direitos a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no dia 15 do corrente mês, pelas 21,30 horas, para:

*Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1984*

**ATENÇÃO:** Se no dia acima citado não estiver presente número legal de sócios para funcionamento da Assembleia, ficam desde já avisados os snrs. associados de que ela se realizará no dia 22 do mês em curso, à mesma hora, reunindo então com qualquer número.

Espinho, 2 de Dezembro de 1983.

O Presidente da Assembleia Geral

Dr. Manuel Baião Nunes dos Santos

NOTA — A Assembleia terá lugar no edifício social

**ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS ESPINHENSES**

RUA 16 — ESPINHO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convido os Senhores Associados a reunir em Assembleia Geral Ordinária, nas nossas instalações, no dia 14 de Dezembro de 1983, pelas 21 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º — Leitura da Acta da última Assembleia;
- 2.º — Aprovação do orçamento suplementar para 1983;
- 3.º — Aprovação do Orçamento Ordinário para 1984;
- 4.º — Resolver, durante 30 minutos, qualquer assunto de interesse associativo.

Espinho, 25 de Novembro de 1983

O Presidente da Assembleia Geral

José Pereira de Oliveira

**AVISO** — Se à hora marcada não estiver a maioria dos associados, a Assembleia funcionará uma hora depois da marcada, com qualquer número de sócios.

## CADA VEZ MAIS POBRES...

Levamos hoje ao conhecimento do leitor algumas das medidas financeiras que o Ministério da Educação decidiu tomar sobre um sector polémico e enfermo de doenças, no campo educacional: a Acção Social Escolar.

Tais medidas, caracterizadas essencialmente por cortes financeiros nos orçamentos que anualmente são atribuídos às

escolas pelo Instituto de Acção Social Escolar estão já a ter graves repercussões nos orçamentos familiares e atingem sobretudo os sectores mais pobres das populações. A consequência imediata será o abandono dos estudos por parte de jovens cujas famílias não poderão continuar a suportar essas despesas de ensino.

Mais uma vez a política do

funil funciona a favor dos mais ricos, dificultando ou impossibilitando mesmo a igualdade de direito no acesso à instrução prescrita pela constituição da República.

Espinho não foge à regra e as escolas preparatórias e secundárias estão já a braços com a difícil tarefa de solucionar este problema.

de dívidas que ninguém sabe quem vai pagar!

Vejamos um pouco mais de perto este problema.

As cantinas escolares em Espinho servem cerca de 1.000 refeições diárias. As más condições económicas em que funcionam reflectem-se antes de mais na qualidade das próprias refeições — que está longe de ser a ideal para garantir nesse campo o rendimento escolar que se pretende — (É verdade meus senhores, a alimentação é já um problema a integrar na clássica discussão do insucesso escolar!)

O I.A.S.E. «brindou» os estudantes (no presente ano lectivo) com uma redução do subsídio de refeição de 15.00 (ano anterior) para 7.50 e o aumento da sua participação de 30.00 para 50.00.

Assim, neste momento, o «milagre» consiste em fazer refeições-média por 57.50!

Certo é que o problema não reside apenas nas condições financeiras. Como nos dizia um membro de um C. Directivo, «também é possível fazer refeições baratas», desde que se tenham em conta as modernas indicações alimentares.

É preciso acompanhar as novas ideias alimentares. Mas deverá isso entender-se como uma solução para a melhoria da saúde dos indivíduos ou como solução para os cortes financeiros?

Por outro lado, que acção tem o I.A.S.E. na preparação e reciclagem dos cozinheiros das cantinas escolares e que meios proporciona, do ponto de vista material, a centenas de cantinas que funcionam em escolas deste país? Não será o caso das de Espinho, talvez com uma leve excepção da Escola Secundária (antiga industrial) que pela antiguidade das suas instalações não oferece as melhores condições. A escola preparatória n.º 2 utiliza a cantina da n.º 1, o que não deixa de ter os seus inconvenientes.

Uma coisa é certo — e a este propósito decidimos escrever estas linhas. Os cortes de verbas para Acção Social Escolar vão reflectir-se dentro em breve na própria alimentação. Na escola preparatória n.º 1, os alunos subsidiados do escalão A (totalidades de despesas escolares) pagam já 15.00 por refeição e os da escala B, (metade das despesas escolares) pagam 35.00! Na Escola Secundária M. Laranjeira serão igualmente feitos cortes na alimentação dos alunos subsidiados o mesmo acontecendo nas restantes escolas.

Não queremos aqui incluir sequer outros problemas sobre as cantinas mas pelo menos somos obrigados a dizer que o desprezo dos órgãos responsáveis a nível superior por estes serviços é tão grande que por exemplo, a cantina da secundária

M. Laranjeira não tem exaustor nem qualquer saída para os vapores resultantes da confecção das refeições, nem se vislumbra solução próxima! Isto num edifício relativamente recente.

## TRANSPORTES ESCOLARES: A SOLUÇÃO É ANDAR A PÉ!

Se o problema das cantinas assume importância maior no quadro da Acção Social Escolar o dos transportes implica questões de fundo que colocam em causa o próprio acesso ao ensino.

A gestão pelos números atingida neste campo as suas más graves incidências.

Deixemos fora de discussão a qualidade dos transportes — tantas vezes duvidável — e a sua congregação com os horários escolares que, no caso de Espinho, vão servindo salvo algumas situações pontuais conhecidas das escolas organizadoras da rede de transportes escolares em estudo para uma breve solução. Assim nos foi dito e pela observação concreta pudemos verificar.

Apontemos antes os problemas de fundo. As duas escolas secundárias de Espinho irão proceder a cortes no subsídio de transportes. O mesmo não acontecerá — por enquanto — nas escolas preparatórias já que os seus alunos beneficiam das vantagens do chamado ensino obrigatório.

Se a nível das cantinas, os alunos que distam a menos de 2 kms da escola não podem receber subsídio de refeição — como se essa distância fosse insignificante para crianças de 10-12 anos cujos pais, muitas vezes por questões de trabalho não podem garantir eficazmente um serviço — a nível de transportes, a distância mínima é de 4 kms. Ou seja, carenciados ou não, com bom ou mau percurso os alunos residentes, «rigorosamente» (como se diz no aviso de uma escola) até 4 kms do estabelecimento de ensino, não têm direito a subsídio de transporte!

Não falemos sequer dos meios rurais, do interior, em que 4 kms significam percorrer o caminho em zonas ermas e sem estadas. Aliás, o sr. Ministro nunca deve ter passado por isso, malgrado as inundações frequentes no estabelecimento de ensino onde era professor...

Falemos em zonas de características urbanas como é o caso de Espinho.

Os alunos de Silvalde, por exemplo, passam a não ter direito a subsídio de transportes. Não interessa que isso fique longe da escola ou que o seu percurso seja perigoso. Interessa

continua na página 6

## MINISTÉRIO NÃO ASSUME RESPONSABILIDADES...

Os Conselhos directivos das escolas do ensino preparatório e secundário serão obrigados — para sua própria defesa perante os pais e encarregados de educação — a tomar medidas face à ambígua posição do Ministério da Educação que não teve ainda coragem de assumir publicamente os seus actos. É na verdade muito cómodo deixar que sejam os conselhos directivos a justificar perante os lesados posições e medidas acerca das quais nem sequer foram ouvidos.

Para além de uma posição conjunta, exigindo que o ministério assumia responsabilidades, os C.D.'s das escolas de Espinho irão concertar outras iniciativas, como se fará na escola preparatória n.º 1, onde várias reuniões com encarregados de educação estão previstas para esclarecimento da situação.

## APATIA E DESINTERESSE...

Em abono dos C.D.'s, que sentem profundamente toda esta situação e contra ela tentam lutar, é de justiça mencionar aqui que, infelizmente, os pais e encarregados de educação dos alunos das nossas escolas se queixam muitas vezes do ensino mas nada fazem para o melhorar.

É certo e sabido que muitos deles, ao longo de vários anos de duração do ensino preparatório e secundário nem sequer se dignam conhecer as escolas quanto mais participarem na sua dinâmica. Deve, de resto, referenciar-se neste sentido a pouca ou nula actividade das Comissões de Pais e Encarregados de Educação.

Reparo este que serve, não só para evitar situações pontuais ligadas ao posicionamento aluno-escola, aluno-professor, mas sobretudo, situações de fundo, de difícil solução, em que o apoio e participação de pais e C.D.'s se torna indispensável.

Do mesmo modo e no mesmo tom, se crítica o desinteresse e inactividade das Associações de Estudantes das escolas de Espinho, ou porque

pura e simplesmente não funcionam ou se funcionam o fazem a outros níveis, provavelmente muito menos importante e dignificante para as funções que originariamente lhe deram razão de ser.

É caso para perguntar: onde está a razão dos alunos se muitas vezes (na maior parte dos casos) eles são — através da sua ineficácia e da sua luta — a própria razão de grande parte dos erros do ensino?!

## INJUSTIÇA ORGANIZADA

Observando mais de perto o sistema de actividade de benefícios sociais no ensino secundário e comparando as formas de selecção usadas desde o seu início até ao presente, verificamos antes de mais uma desumanização do processo, de tal forma que a força dos números se impõe à razão dos factos.

Ou será que é difícil para o leitor perceber que a capitação de 5.000\$00 é hoje ridícula, não olhando sequer aos tantos problemas específicos de estudantes em que o apoio se poderá tornar necessário não por uma questão puramente económica mas por outros problemas igualmente influentes no seu rendimento e aproveitamento escolar?

Os trabalhadores por conta de outrem são obrigados a confirmar os seus vencimentos pela entidade patronal. E os restantes? Quem confirma os seus bens e rendimentos? As repartições de finanças, onde eventualmente podem não ter nada registado?

Não haverá aqui uma injustiça de apreciação dos casos que tende a ser maior quanto mais populosa se torna a área que o estabelecimento de ensino abrange, impossibilitando os C.D.'s de observarem as várias situações caso a caso?

Excluimos desde já os prazos e as burocracias impostas às escolas pelo I.A.S.E. o que a ter-se em conta agrava mais o problema.

## «AUXILIO ECONÓMICO»...

Os vários «Ministérios de Educação» que temos tido nos últimos anos — e dizemos vá-

rios porque efectivamente tem existido um ministério para cada ministério — apelam sistematicamente ao trabalho dos professores como se as lacunas que nesse campo existem — e é certo que existem — fossem o grande obstáculo à resolução dos problemas do ensino.

Quanto ao auxílio económico prestado aos alunos carenciados nada vemos de concreto. O «auxílio económico» que de há uns anos a esta parte foi instituído mais se assemelha com a clássica «ajuda» prestada ao aluno pelo professor — tão insistentemente apontada nos manuais pedagógicos do próprio ministério mas que alguns ministros parece desconhecerem de todo...

Na verdade, que dizer de uma situação em que o próprio ensino preparatório, dito obrigatório, sente as consequências de tão restritiva política de ensino?

Explicará o ministério como «obrigará» os pais das crianças em idade escolar a mandá-las à escola se para isso não têm posses económicas?...

Em Espinho, como de resto em todo o país, há casos de alunos cujos boletins de concessão de subsídio foram excluídos — por força do cumprimento da lei — pelo facto de a capitação expressa ultrapassar os 5.000\$00 estipulados em apenas alguns escudos. (Há mesmo casos em que não se chega aos 100\$00!)

Os cortes orçamentais, as imposições do I.A.S.E. e os tempos estipulados para conclusão do processo impedem os C.D.'s de qualquer escola média — mais de 1000 alunos — de verificar situações pessoais que muitas vezes não são atendidas e se transformam em injustiças.

## CANTINAS PODEM FECHAR!...

Não é boato! Constatamos esta triste realidade de alguns contactos tidos com escolas da nossa cidade.

A manter-se a actual situação financeira e contando com uma previsível subida de preços dentro dos próximos meses, as cantinas das escolas de Espinho poderão entrar em rotura financeira, apresentando-se aos seus responsáveis duas soluções: o encerramento ou o acumular

No panorama da Imprensa Espinhense, mais um nome vai surgir. E não dizemos um «novo» nome, porque o título «Gazeta de Espinho» (é a ela que nos referimos) foi um dos primeiros de Espinho, desempenhando, na altura, um papel fortemente interveniente na vida da então vila. Pois a «Gazeta» vai regressar ainda este mês, sob a forma de publicação trimestral.

Amanhã, sexta-feira, será apresentado este novo-velho jornal, no decorrer duma conversa informal para a qual foram convidados os directores dos três semanários de Espinho. Dela daremos notícia no próximo número. Para já, daqui saudamos a «ressurreição» da Gazeta.



**Marie Viva**  
ESPINHO

Comuna Municipal de  
ESPINHO

PORTE  
PAGO